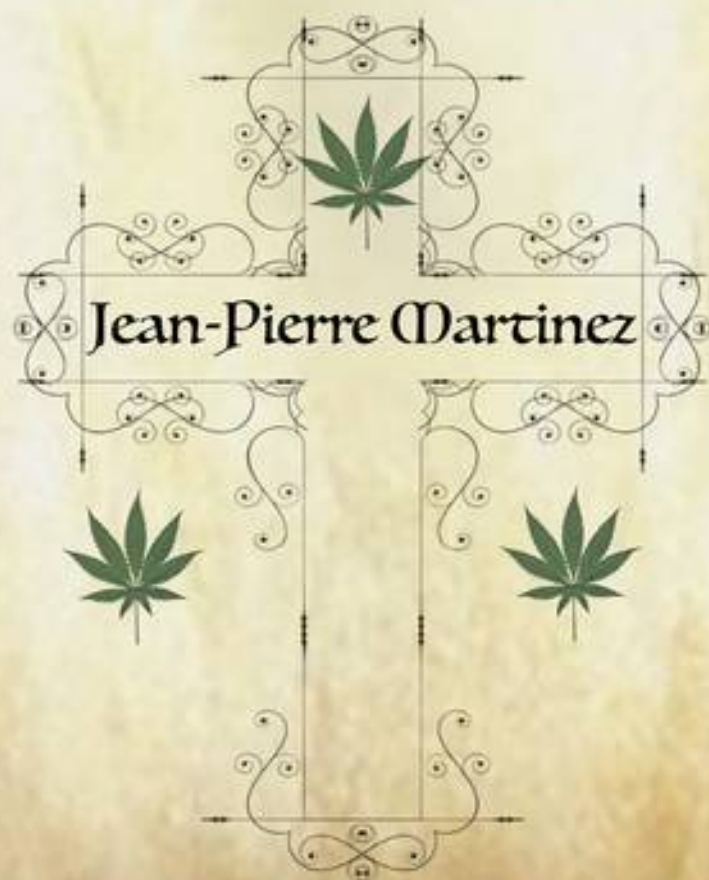


La Comédiathèque

Milagre no Mosteiro de Santa Maria-Joana



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Milagre no Mosteiro de Santa Maria-Joana

Jean-Pierre Martinez

Tradução para português pelo autor

*As vendas da loja do mosteiro financiam as obras de solidariedade dos monges,
mas o célebre Elixir de Santa Maria-Joana já não tem a procura de antigamente.
Até ao dia em que um dos monges decide acrescentar uma erva misteriosa à receita.
O sucesso do novo licor é estupefaciente. Mais um milagre de Maria-Joana?*

Personagens

Barnabé: padre abade
Tomás: irmão tesoureiro
Tiago: irmão ervanário
Albano: irmão noviço
Maria do Carmo: voluntária
João Bernardo: voluntário
António: paroquiano
Vitorina: paroquiana
Fred e/ou Sam: estudantes, rapazes ou raparigas
Ben e/ou Jo: traficantes, homens ou mulheres
Ramires e/ou Sanches: agentes da polícia, homens ou mulheres

Elencos possíveis

*Os estudantes, os traficantes e os agentes da polícia podem ser interpretados por homens
ou mulheres. Cada um destes três pares de personagens pode ser reduzido a uma só
personagem. Assim, os elencos possíveis são os seguintes:*

14 personagens
6H/8M, 7H/7M, 8H/6M, 9H/5M, 10H/4M, 11H/3M, 12H/2M
13 personagens
6H/7M, 7H/6M, 8H/5M, 9H/4M, 10H/3M, 11H/2M
12 personagens
6H/6M, 7H/5M, 8H/4M, 9H/3M, 10H/2M
11 personagens
6H/5M, 7H/4M, 8H/3M, 9H/2M

© La Comédiathèque

A loja do Mosteiro de Santa Maria-Joana vende diversos produtos monásticos de fabrico artesanal (licores, bolachas, compotas) e outros artigos religiosos (círios, estatuetas, livros), dispostos em prateleiras e expositores. O célebre Elixir de Santa Maria-Joana ocupa um lugar de destaque. Frei Tomás faz as contas, enquanto Maria do Carmo, a voluntária que o ajuda, percorre as prateleiras.

Maria do Carmo – Ah... Temos de encomendar mais marcadores de livros com a imagem de Santa Maria-Joana. Ultimamente vendem-se como pãozinhos quentes...

Tomás – Mesmo que conseguíssemos multiplicar esses pãozinhos... A cinquenta cêntimos cada, não é com os marcadores que vamos salvar a loja.

Maria do Carmo – Vá lá, frei Tomás, não percamos a fé! *(Pausa.)* Infelizmente, não deixa de ter razão... Desde esta manhã que quase não entrou ninguém.

Tomás – Até os nossos paroquianos mais fiéis preferem ir ao centro comercial comprar as prendas de Natal.

Maria do Carmo – E tudo para comprar produtos feitos na China ou sabe-se lá onde... Ao passo que os nossos são todos fabricados aqui pelos irmãos. Produção de proximidade, como agora se diz.

Tomás – Pois é, Maria do Carmo... Somos os únicos intermediários entre o Criador e o consumidor.

Maria do Carmo – Infelizmente, os produtos biológicos dos mosteiros continuam com um problema de imagem.

Tomás – E a nossa conta bancária tem um problema de saldo, ponto final.

Maria do Carmo – A situação é assim tão grave?

Tomás – Não estamos aqui para ter lucros, evidentemente. Mas, se as vendas continuarem a cair, a menos que aconteça um milagre acabaremos por ter de fechar a loja.

Entram frei Tiago e João Bernardo. Este último empurra um caixote de garrafas de licor num carrinho de carga.

Maria do Carmo – Ah, João Bernardo! Bom dia, frei Tiago.

Tiago responde com um sorriso tímido.

João Bernardo – Os meus cumprimentos, Maria do Carmo. Bom dia, frei Tomás.

Maria do Carmo – Valha-me Deus! Aquele caixote parece pesar uma tonelada.

Tiago – Felizmente, temos um diabo para nos ajudar.

Maria do Carmo – Um diabo? Espero que não esteja a falar do nosso dedicado João Bernardo.

João Bernardo – Está a brincar comigo, Maria do Carmo. Sabe perfeitamente o que é um diabo de carga. Embora não esteja habituada a puxar-lhe pelo rabo... Ou devo dizer pelo cabo?

Maria do Carmo – Ah, sim, um diabo... Aquela espécie de carrinho que serve para transportar caixotes. Já vi um numa loja de ferragens da vila. Parece muito prático.

João Bernardo – Que quer que lhe diga? Não se pode travar o progresso...

Tomás – Não fazia ideia de que tínhamos um diabo no mosteiro...

Tiago – Foi uma oferta de um dos nossos paroquianos, o António. Tinha uma mercearia e acabou de se reformar.

João Bernardo – Para as minhas costas foi uma bênção dos céus. Bem que vos teria ajudado a descarregar, mas com esta ciática que me anda a aparecer...

Tiago – Ajuda-me, Maria do Carmo?

Maria do Carmo – Com certeza, frei Tiago.

Frei Tiago e Maria do Carmo pegam no caixote e, com esforço visível mas grande determinação, retiram-no do carrinho e pousam-no no chão.

Maria do Carmo – Ufa! Pesa como um burro morto. O que é que leva aqui dentro?

Tiago – A minha produção desta semana...

Maria do Carmo pega numa garrafa e admira o rótulo.

Maria do Carmo – Ah, sim, o célebre Elixir de Santa Maria-Joana. Supostamente cura quase todos os males...

João Bernardo – E devolve-nos o vigor dos vinte anos...

Tiago – Duvida?

Maria do Carmo – Tenho a certeza de que esta bebida possui certas virtudes terapêuticas, mas... por mais inabalável que seja a minha fé, confesso que não acredito muito nos elixires da eterna juventude. Sobretudo quando têm quarenta e cinco graus de álcool...

João Bernardo – Se ao menos me curasse a ciática...

Tomás – Não brinque com estas coisas, Maria do Carmo. Este licor sagrado continua a ser a imagem de marca do mosteiro. E houve um tempo em que também era o nosso produto mais vendido...

Maria do Carmo – A verdade é que mal vendemos uma garrafa desde a última remessa. Já nem sei onde vamos pôr tanta coisa...

Tomás – Há uns anos ainda se vendiam pelo menos duas garrafas por dia.

João Bernardo – Era preciso encontrar maneira de animar as vendas, mas enfim... Continua a ser uma bebida medicinal. Não é coisa que se beba todos os dias ao aperitivo.

Maria do Carmo – Pois não... A menos que encontremos uma forma de rejuvenescer um produto que já está um pouco antiquado.

João Bernardo – Um elixir da juventude que precisa de um tratamento de choque para ganhar uma segunda juventude. Há de convir que é um tanto paradoxal...

Maria do Carmo – É o que eu chamo o paradoxo da naftalina, João Bernardo. Pomo-la na roupa para evitar que as traças a comam e, depois, quando vestimos essa roupa, somos nós que cheiramos a mortos.

João Bernardo – Ora essa, Maria do Carmo, não cheira nada a naftalina. E, se me permite, até cheira muitíssimo bem.

Maria do Carmo – Obrigada, João Bernardo. O senhor, pelo menos, sabe falar com as mulheres...

Tiago (*timidamente*) – Talvez tenha uma ideia...

João Bernardo – Para a naftalina?

Tiago – Para o nosso elixir...

Tomás – Uma ideia?

Tiago – Ainda é cedo para falar nisso, irmão, mas estou a trabalhar no assunto.

João Bernardo – Frei Tiago... Conseguiu despertar a minha curiosidade...

Tiago (*envergonhado*) – Por agora, se não se importam, vou continuar a apanhar ervas na serra.

Sai.

Maria do Carmo – Tanto mistério...

João Bernardo – Sim, quando vai assim pelos campos à procura dos ingredientes do elixir, faz-me lembrar o druida do Astérix. Um dia havíamos de segui-la para descobrir o segredo da poção mágica...

Maria do Carmo – Ora, João Bernardo... Frei Tiago não se parece nada com o nosso querido Panoramix.

João Bernardo – É verdade que ele nem um pelo tem no queixo... Não sei se os terá noutros sítios...

Tomás – Vá lá, meus filhos, não blasfemem. Não se esqueçam de que devemos a receita deste licor à fundadora da nossa ordem...

Maria do Carmo – Segundo dizem, recebeu a revelação ao ouvir umas vozes... Quase se pode dizer que foi o próprio Deus quem lhe segredou ao ouvido a fórmula deste licor.

Tomás – E foram as vendas deste elixir divino que permitiram ao nosso mosteiro continuar a cumprir a sua missão até hoje.

Maria do Carmo olha para a porta.

Maria do Carmo – Ah, aí vem o padre abade. Não sei quem o acompanha...

Entram Barnabé, o padre abade, seguido do jovem frei Albano.

Barnabé – Bom dia, meus filhos.

Tomás – Bom dia, padre.

Barnabé – Meus filhos, apresento-vos frei Albano, que vai fazer o noviciado no nosso mosteiro.

Tomás – Bem-vindo ao Mosteiro de Santa Maria-Joana, irmão.

Maria do Carmo – Alegra-nos verificar que, apesar da atual crise das vocações, ainda há jovens dispostos a abraçar a vida monástica.

João Bernardo – Por tradição familiar, talvez?

Barnabé – Frei Albano acaba de concluir o curso na Nova SBE.

Tomás – Nova SBE?

Albano – A Nova School of Business and Economics, da Universidade Nova de Lisboa.

João Bernardo – Ah, não é uma formação muito habitual. Quero dizer, para um monge. Mesmo com o desemprego jovem, os diplomados das escolas de gestão raramente optam pela vida monástica.

Maria do Carmo – O que prova que todos os caminhos podem conduzir a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Albano – Decidi fazer-me monge depois de ver a Virgem.

João Bernardo – Ora vejam lá...

Tomás – Durante uma peregrinação a Lourdes, talvez? No fundo da gruta, como a nossa querida Bernardete?

Albano – Na verdade, foi ao fundo de um anfiteatro, durante uma aula de gestão da inovação.

João Bernardo – Quer dizer... no meio dos raios de luz de um projetor, ou coisa parecida?

Barnabé – Quando a Santíssima Virgem decide manifestar-se, não nos deixa escolher nem o lugar nem o momento.

Tomás – Afinal, Deus está em toda a parte. Porque não haveria de estar nas salas de aula de uma escola de gestão?

Barnabé – Seja como for, encaremos a chegada deste jovem como um sinal enviado por Deus para nos encorajar a prosseguir a nossa missão...

Maria do Carmo – Naturalmente...

Barnabé – Tendo em conta os seus conhecimentos de gestão, encarreguei frei Albano de dinamizar as vendas dos nossos produtos monásticos...

João Bernardo – Excelente ideia.

Barnabé – Portanto, frei Albano vai trabalhar convosco. Agradeço que o ponham ao corrente do excelente trabalho que todos fazem aqui. E, se lhe ocorrer alguma melhoria...

Tomás – Conte connosco, padre. Se é essa a vontade de Deus, nada temos contra a gestão da inovação.

Barnabé – Então deixo-o convosco... O Natal aproxima-se e tenho de voltar a tratar do presépio. Enquanto ainda for permitido montar um nos mosteiros...

Barnabé sai.

Tomás – Bem, então... Explico-lhe como funciona tudo isto?

Albano – Vamos a isso... Em todo o caso, a loja é muito bonita... Talvez um pouco clássica...

Tomás – Como diz o padre abade, isto, antes de ser um negócio, é uma missão.

Albano – Claro, meu irmão. Mas, para cumprirmos a nossa missão, precisamos de recursos, não é verdade?

Tomás – Exatamente. A venda dos nossos produtos permite-nos pagar as despesas do mosteiro. E também financiar as nossas obras sociais.

Albano – O padre abade falou-me delas. Combatem os cartéis da droga na Colômbia, não é assim?

Tomás – Bem, sim... À nossa modesta escala.

João Bernardo – Sem armas, sem ódio e sem violência, evidentemente.

Maria do Carmo – Financiámos programas de desenvolvimento de culturas alternativas e de comércio justo na América Latina, para que os camponeses possam abandonar a cultura da papoila-dormideira.

Albano – Uma missão muito nobre, sem dúvida.

Tomás – Maria do Carmo e João Bernardo são dois dos voluntários que nos ajudam nesta missão.

Maria do Carmo – Tento apenas ser um bocadinho útil... E, como ainda sou solteira...

Tomás – Aliás, vou deixar que seja a Maria do Carmo a apresentar-lhe os nossos produtos. Conhece-os muito melhor do que eu.

Maria do Carmo – Pois... Como vê, temos uma gama muito variada. Mas os nossos produtos principais continuam a ser os círios com a imagem de Santa Maria-Joana e o célebre elixir da juventude, feito, como sabe, com ervas da região.

Albano – Ah, sim, o padre abade também me falou nisso... E de que é feito exatamente este licor?

Tomás – Só frei Tiago conhece a receita, transmitida de monge para monge há gerações.

Maria do Carmo – Quando o irmão ervanário sente que o fim está próximo, mesmo antes de receber a extrema-unção, confia o segredo ao irmão que lhe vai suceder.

João Bernardo – Felizmente, nos mosteiros não é habitual morrer-se de morte violenta.

Albano – Já percebi... Um segredo tão bem guardado como a fórmula da Coca-Cola...

Tomás – Infelizmente, o Elixir de Santa Maria-Joana vende-se cada vez menos. É um produto muito tradicional, sabe? E as tradições, infelizmente, vão-se perdendo.

João Bernardo – Talvez em cocktails...

Maria do Carmo – Ah, em cocktails? Olhe que não é má ideia, pois não, frei Albano?

Albano examina a garrafa.

Albano – Bem... É verdade que aquele ar retro tem um certo encanto, mas...

João Bernardo – Vou dar-lhe um pouco a provar. Assim poderá avaliar por si próprio.

João Bernardo tira uma garrafa de trás do balcão, serve um cálice e oferece-o a Albano. Ele pega nele e bebe-o de um trago, fazendo uma pequena careta.

Maria do Carmo – Então, que tal?

Albano – Ah, sim, é... É curioso. E... isto vende-se?

Tomás – Cada vez menos, infelizmente...

Albano – Confesso que não me admira... Era preciso modernizar a receita... Dar outra imagem ao rótulo... Têm algum sítio na Internet?

Tomás – Está a falar do mosteiro?

Albano – Pelo menos da loja...

Tomás – Bem... Até agora não nos tinha parecido necessário.

Albano – No mínimo, devíamos criar uma página no Facebook... Podíamos chamar-lhe «Amigos de Santa Maria-Joana». Que acham?

Frei Tomás fica um pouco desconcertado com estas ideias revolucionárias. Entra Vitorina, uma senhora idosa, elegante e vaidosa, embora já bastante debilitada.

Vitorina – Bom dia, bom dia.

Maria do Carmo – Bom dia, dona Vitorina. Como se sente hoje?

Vitorina – Ai, meu filho, com a minha idade... Estive no confessionário, como todas as quintas-feiras, depois de ir ao cabeleireiro... E lembrei-me de passar para vos cumprimentar.

João Bernardo – Todas as quintas-feiras? Tem assim tantos pecados para confessar, dona Vitorina?

Tomás – Ora, João Bernardo...

Vitorina – Bem podia lá ir só uma vez por mês...

João Bernardo – Confessar-se?

Vitorina – Ao cabeleireiro! Mas que quer? Assim vou-me entretendo...

Maria do Carmo – E não quer aproveitar para comprar algumas prendas de Natal, dona Vitorina?

Vitorina – Pois, na verdade...

Maria do Carmo (*à parte*) – Acho que chegou a ocasião de pôr em prática os seus dotes de vendedor, frei Albano. Deixo a dona Vitorina consigo...

Albano – Bom dia, minha senhora. Posso ajudá-la? Procura alguma coisa em especial?

Vitorina – Ora, mas eu ainda não conhecia este rapaz tão simpático...

Tomás – É frei Albano, Vitorina. Vai fazer o noviciado connosco.

Vitorina – Oh, meu Deus... Coitado do rapaz! Mas porquê vir enterrar-se aqui com a sua idade? Os mosteiros deviam ser reservados para aqueles que já não têm ocasião de pecar.

Maria do Carmo – Ora, dona Vitorina...

Vitorina – E o que o levou a fazer-se monge, meu querido Albano? Uma desilusão amorosa?

Albano – Uma aparição da Virgem.

Vitorina – Ah, então é mesmo sério... Coitado do rapaz! Com a sua idade devia era conhecer mulheres, não ver a Virgem!

Albano – Há pouco disse que não se sentia muito bem. Talvez lhe fizesse bem um tónico. Suponho que conhece o nosso célebre elixir da juventude...

Vitorina – Que simpático é o rapaz, realmente...!

Albano pega numa garrafa e mostra-lha.

Albano – Veja, dizem que é bom para tudo.

Vitorina – Ah, sim... A Água de Melissa dos Carmelitas... Lembro-me... A minha avó tinha sempre um frasquinho no armário.

Albano – Não, este é o licor de Santa Maria-Joana. Segundo os nossos numerosos clientes, tem efeitos muito mais fortes.

Maria do Carmo – Também não vamos exagerar. Não convém fazer publicidade enganosa.

João Bernardo – Não lhe vai devolver a juventude, mas há de ajudá-la a suportar os achaques da idade, dona Vitorina.

Albano – Leva uma garrafa?

Vitorina – É que... ainda tenho a que a minha avó me deixou quando morreu. Hoje em dia já ninguém bebe estas coisas, sabe?

Albano – Não tenho a certeza de que a da sua avó ainda esteja em condições, dona Vitorina. Pode ser um elixir milagroso, mas até os milagres têm prazo de validade.

Vitorina – Prefiro um marcador para o missal. Tornei a perder o meu... Mas é sobretudo para ajudar as vossas obras de caridade...

Maria do Carmo – Sim, e fica bastante mais barato, não é?

Entra António, um senhor idoso bem vestido, em quem os anos já começam a pesar.

António – Bom dia, minhas senhoras e meus senhores. Meus irmãos.

João Bernardo – Bom dia, António. Também vem da confissão?

António – Qual quê! Venho do café. Fiz o meu Totoloto, como todas as quintas-feiras.

João Bernardo – Muito bem, António. Um lugarzinho no Paraíso é bom, mas um lugar ao sol cá em baixo também não é nada mau. A sorte protege os audazes! Não é verdade, Maria do Carmo?

Maria do Carmo – Não percebo nada de jogos de azar. E nem sei se isso é muito cristão. Não diz a Bíblia que devemos ganhar o pão com o suor do nosso rosto?

António – Não se preocupem, meus irmãos. Se algum dia me sair o Totoloto, farei um donativo para as vossas obras.

Albano – Nesse caso, havemos de rezar ao Senhor para que a sorte lhe sorria...

João Bernardo – E obrigado pelo diabinho que ofereceu ao mosteiro. Poupança-me as costas, enquanto espero pelo milagre que me cure a ciática.

António – Bom dia, dona Vitorina. Está muito elegante hoje.

Vitorina, que fingia não reparar nele enquanto o observava pelo canto do olho, sorri ao ouvir o elogio e começa a fazer-se de engraçada.

Vitorina – Acabei de vir do cabeleireiro...

António – E, se me permite, esta nova cor fica-lhe lindamente.

Vitorina – Que lisonjeiro... Mas obrigada, António.

António – Sim, é... muito primaveril... Com aqueles reflexos... alaranjados.

Vitorina (*escandalizada*) – Alaranjados, acha?

António – Não, não propriamente alaranjados. Foi uma maneira de dizer...

Vitorina (*a Albano*) – Acha que tenho o cabelo cor de laranja, meu querido Albano?

Albano – Não sei, tem uns reflexos... azul-petróleo, talvez?

Vitorina (*horrorizada*) – Azul-petróleo?

Albano – Bem... azul metalizado, antes...

Vitorina (*a João Bernardo*) – E o senhor, que acha?

João Bernardo – Azul metalizado? Eu gosto... É a cor do meu carro.

Vitorina – Vou já voltar ao cabeleireiro. Vai ouvir das boas!

Albano – E a garrafa, dona Vitorina? Guardo-lha?

António – O que é isso? Ah, o famoso Elixir de Santa Maria-Joana... Nem sabia que ainda existia...

Albano – Os grandes clássicos nunca passam de moda...

Vitorina – Ai, os elixires milagrosos... Tomei Água de Melissa toda a vida e veja como estou.

António – Pois a mim o resultado parece-me espetacular, minha querida Vitorina!

Vitorina – Ainda me faz corar, António...

António – Olhe, ofereço-lhe esta garrafa.

Vitorina – Muito obrigada, mas... Não sei se...

António – Assim convida-me a beber um copinho consigo...

Vitorina – Porque não?

Maria do Carmo – Pronto. A sua primeira venda.

Frei Tomás mete a garrafa num pequeno saco e entrega-o a Vitorina. António dá uma nota a Maria do Carmo.

Maria do Carmo – Depois conte-nos como foi...

António (*pegando no saco*) – Deixe, levo-o eu. Posso acompanhá-la?

Vitorina – Com muito gosto, António...

António – A sério, está muito bem penteada...

Vitorina – Acha mesmo?

Saem. Vitorina, entusiasmada, esquece-se da mala.

Maria do Carmo – Parece que este elixir tem, pelo menos, o dom de aproximar os corações solitários...

João Bernardo – Infelizmente, receio que morram os dois antes de acabar a garrafa...

Tomás lança-lhe um olhar de reprovação.

Tomás – Ora, João Bernardo!

João Bernardo – Não, não! Eu não queria insinuar que os efeitos secundários do licor lhes encurtassem a vida. Só digo que, à razão de um copinho por mês, não vão conseguir aumentar a faturação...

Albano – Daí a necessidade de mudar os nossos métodos de venda.

Tomás – A mudança... É uma palavra que soa um pouco estranha dentro de um mosteiro, meu jovem.

Albano – As tradições são importantes, claro... Mas se o mosteiro ficasse sem recursos, as nossas obras sociais estariam ameaçadas.

Tomás – Uma triste verdade, infelizmente...

Albano – Já agora, a propósito... Pode falar-me um pouco mais dessas obras, meu irmão?

Tomás – Bem... Para começar, temos um programa de ajuda aos camponeses colombianos, para combater a economia da droga que assola o país.

Maria do Carmo – E não esqueçamos as aulas de apoio que damos aos estudantes do secundário mais desfavorecidos da nossa terra.

Tomás – Todos os anos atribuímos bolsas a alguns dos melhores alunos para que possam estudar num colégio católico.

João Bernardo – Com o preço a que está o ensino privado hoje em dia...

Tomás – Infelizmente, receio que este ano não tenhamos meios para continuar esse trabalho. A menos que aconteça um milagre...

Entra frei Tiago, eufórico, agitando um pequeno frasco.

Tiago – Um milagre...? Pois eu proponho-vos fazer um!

Tomás – Frei Tiago? Sente-se bem? Parece um pouco exaltado...

Tiago – Encontrei a solução, meu irmão!

Tomás – A solução?

Tiago – Para relançar as vendas do nosso elixir!

Tomás – A propósito, apresento-lhe frei Albano. Acaba de concluir o curso na Nova SBE e entrou para o mosteiro.

Tiago – Deus o abençoe, meu irmão.

Tomás – Estamos a ouvi-lo, frei Tiago.

Tiago – Encontrei uma erva na serra.

Maria do Carmo – Uma erva? Não é o que falta nestes montes, pois não?

Tiago – Sim, mas é uma planta que não conheço. E que não figura em nenhum dos livros de botânica da biblioteca do mosteiro.

João Bernardo – Tenha cuidado. Com as ervas é como com os cogumelos: alguns são venenosos.

Tiago – Usei-a para preparar uma nova versão do licor. E o resultado é estupefaciente, garanto-vos.

Albano – Como assim, «estupefaciente»?

Tiago – Sabe muito melhor e os efeitos do elixir parecem multiplicar-se por dez.

João Bernardo – Cada vez se parece mais com a receita da poção mágica.

Tomás – Não nos precipitemos. A fórmula deste elixir tem vários séculos... Alterá-la seria uma decisão muito importante.

Albano – Então façamos uma prova com o padre abade!

Tomás – Acha mesmo que devemos incomodá-la por causa disso?

João Bernardo – Foi ele próprio quem nos encorajou a modernizar os nossos métodos!

Albano – Podemos ser a favor da missa em latim sem sermos contra as ideias novas.

João Bernardo – Desde que sejam boas...

Tomás – Muito bem... Maria do Carmo, tenha a bondade de ir chamar o padre abade. Está na capela a montar o presépio...

Maria do Carmo – Vou já, frei Tomás.

Maria do Carmo sai.

Tomás – Como vamos fazer?

Tiago – Preparei um frasquinho do meu novo elixir.

João Bernardo – Um frasquinho... Isto já parece bruxaria... Mas não se preocupe: hoje em dia já não se queimam bruxas nem bruxos.

Tomás – Quando digo que as tradições estão a perder-se...

Albano – Podíamos fazer uma prova às cegas.

Tomás – Valha-nos Deus, frei Albano... Não vamos pedir ao padre abade que jogue à cebra-cega!

Albano – Não, claro... Basta servir o elixir antigo e o novo em dois copos sem os identificar, para que cada um possa escolher objetivamente o seu preferido.

João Bernardo – Excelente ideia, não acham? E que ganhe o melhor!

Preparam tudo para a prova.

Tomás – Mesmo assim... Não sei se isto será muito católico...

Regressam António e Vitorina.

Vitorina – Não sei onde tenho a cabeça. Esqueci-me da mala...

António – O elixir ainda não teve tempo de fazer efeito. A mim também me falha a memória, às vezes.

Tiago – Ah, António, Vitorina... Chegam mesmo a tempo. Precisávamos de cobaias.

António – Cobaias?

Tomás (*a Tiago*) – Tem a certeza de que é completamente inofensivo?

Tiago – Não se preocupe. Experimentei-o em mim próprio. E olhe para o resultado!

Tomás observa-o e não fica muito tranquilizado. Entram o padre abade e Maria do Carmo.

Barnabé – Bem, vejamos o que se passa, meus filhos...

Tiago – Vou dar-vos a provar uma primeira amostra. Mas sem dizer se é a fórmula nova ou a antiga.

Maria do Carmo – Está bem...

Tiago serve uma primeira rodada sem deixar que os outros vejam de que garrafa se trata. Dá um cálice a cada um. Depois de hesitarem um momento, todos provam o licor em silêncio religioso.

João Bernardo – Sim...

Tomás – É a receita tradicional, não é?

Maria do Carmo – Não é mau, mas...

Vitorina – É um licor reconfortante.

António – Continua a saber um pouco a remédio...

Barnabé – Sim... É o Elixir de Santa Maria-Joana do costume.

Tiago, sem dizer nada, serve a segunda rodada. Repete-se o ritual, mas agora os rostos revelam maior satisfação.

Maria do Carmo – Ah, pois é...

João Bernardo – Já não dá a sensação de estarmos a beber um medicamento.

Barnabé – Sim, é curioso...

António – Não é nada mau...

Tomás – Sinto-lhe um gostinho a maçã.

Tiago – E tem...

Barnabé – Mas também temos de nos certificar de que este elixir faz tão bem como o anterior.

Tiago – Limitei-me a acrescentar um toquezinho de...

Vitorina – Eu repetia a prova, só para ter a certeza.

Tiago – Só me resta o suficiente para encher um cálice.

Barnabé – Ah, sim, está...

Passa o cálice a Tomás.

Tomás – É da boa...

Passa o cálice a João Bernardo.

João Bernardo – Sim, sente-se logo uma sensação de bem-estar...

Fica de cálice na mão, com o olhar perdido.

Maria do Carmo – Passe lá esse copo, Bernardo João.

João Bernardo – Chamo-me João Bernardo. Mas é verdade que estou com a cabeça um pouco virada do avesso...

O ambiente torna-se mais descontraído.

Albano – Sim... «Estupefaciente» é mesmo a palavra... Acho que voltei a ver a Virgem...

Tomás – Outra vez?

Tiago – Mas onde?

Albano – Ali, no fundo do meu copo.

António – Ah, sim... A mim também já me aconteceu ver a Virgem no fundo de um copo...

Vitorina – No café?

António – Mais no restaurante chinês. Quando trazem o copinho de saqué...

Maria do Carmo – Ora, António...

Todos, exceto os monges, desatam a rir.

Barnabé – Acho que é melhor darmos por terminada esta prova...

Tomás – Sim, não sei o que se passa comigo... Também tenho a impressão de estar a ter visões.

Vitorina tira um espelho da mala e contempla-se.

Vitorina – De que cor é que veem agora o meu cabelo?

António – Eu diria... cor-de-rosa.

Vitorina – Era o que eu pensava.

Barnabé – Realmente, é muito relaxante... Nunca me senti tão bem desde que... Ia dizer uma asneira...

Maria do Carmo – Acho que exagerámos um bocadinho com este elixir maravilhoso.

Tiago – Não se esqueçam de que tem trinta e oito graus.

António – Ainda lhe resta um bocadinho dessa poção mágica, meu irmão?

Tiago – Nem uma gota.

Tomás – Nesse caso, acho que devíamos ir deitar-nos.

Albano – Antes das vésperas, frei Tomás?

Barnabé – Não estava a pensar ir dançar, pois não?

Tomás – Há de aprender que nos mosteiros nos deitamos com as galinhas.

Albano – Com as galinhas?

António – À pergunta sobre quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha, eu respondo: foi a galinha que se pôs a filosofar.

Tiago – Não percebi nada...

Albano – E quanto à prova, o que decidimos?

Barnabé – Não sei muito bem... Neste momento não tenho as ideias nada claras...

Tiago – Podíamos votar?

Tomás – Parece-me mais prudente reservarmos algum tempo para refletir.

Maria do Carmo – A noite é boa conselheira.

Barnabé – Tem razão... Adiemos a decisão. Amanhã veremos tudo com mais clareza.

João Bernardo – Posso acompanhá-la, Carmo Maria?

Maria do Carmo – Chamo-me Maria do Carmo...

Riem como uns idiotas. Todos se encaminham para a saída com passos vacilantes. Barnabé tropeça.

Tomás – Cuidado com o degrau, padre...

Tiago – Há um degrau?

Maria do Carmo – Até agora não havia...

Barnabé – Que novo prodígio é este?

Saem.

Escuro.

Maria do Carmo entra na loja com João Bernardo. Volta-se para observar a soleira da porta.

Maria do Carmo – Pois não, aqui não há degrau nenhum...

João Bernardo olha em volta para a loja vazia.

João Bernardo – Que estranho! A esta hora frei Tomás já costuma cá estar.

Maria do Carmo – Parece que os nossos queridos irmãos se deixaram dormir... Não ouvi tocar o sino das matinas.

João Bernardo – É que a senhora estava a dormir profundamente...

Maria do Carmo – Mas... como é que sabe disso, João Bernardo?

João Bernardo – Ao menos há de se lembrar de que ontem à noite a acompanhei a casa.

Maria do Carmo – Ah, sim, talvez... Havia um nevoeiro... Que estranho nesta altura do ano... E dentro de casa também havia nevoeiro... Portanto, acompanhou-me a casa. *(Um pouco inquieta.)* E depois?

João Bernardo – Estava exausta. Levei-a até ao quarto. Não conseguia subir as escadas sozinha...

Maria do Carmo – Não me diga que...!

João Bernardo – Sou um cavalheiro, Maria do Carmo... E acredite, ontem à noite quase pratiquei um ato de heroísmo. Não queria deixar-me ir embora. Lembra-se?

Maria do Carmo – Não...

João Bernardo – Sim, estava um pouco atordoada. Não quis aproveitar-me da situação. Mas será que me permite continuar a ter esperança?

Maria do Carmo – Meu Deus...!

Entra frei Tomás, com o hábito um pouco desalinhado e um ar culpado.

Tomás – Desculpem-me, é a primeira vez que me acontece. Não ouvi os sinos...

Maria do Carmo – Acho que ontem à noite todos nos excedemos um bocadinho, não?

João Bernardo – É curioso. Tenho a sensação de estar de ressaca, mas sem dor de cabeça. Afinal, este elixir tem qualquer coisa de milagroso...

Entram frei Albano e frei Tiago com um caixote de garrafas.

Tiago – Durante a noite preparei mais algumas garrafas, com a ajuda de frei Albano.

Albano – Tenho a certeza de que vão fazer furor. Vamos disparar as vendas!

Tomás – Lembro-lhe, irmão, que o padre abade ainda não autorizou a comercialização.

Entra o padre abade.

Barnabé – Bom dia, meus filhos. Desculpem não vos ter acordado esta manhã com os sinos. Deixei-me dormir.

Tiago – Em todo o caso, a nova fórmula tem propriedades soporíferas indiscutíveis.

Barnabé – É verdade que dormi como uma pedra... Mas os efeitos secundários parecem um tanto imprevisíveis.

Tiago – Talvez tenha exagerado um pouco na dose...

Tomás – Que acha, padre?

Barnabé – Não sei muito bem...

Tomás – Mas temos de tomar uma decisão.

Barnabé – Maria do Carmo? Qual é a sua opinião?

Maria do Carmo – Não há dúvida de que o novo elixir tem propriedades estupefacientes. Mas juntar o efeito tranquilizante à desinibição... Pode dar um cocktail explosivo.

Tomás – E se tivesse sido o próprio diabo a pôr no nosso caminho esta erva maligna?

Barnabé – Como a serpente do jardim do Éden, que tentou Eva com o fruto proibido?

Tomás – Continuo a dizer que lhe sinto um ligeiro sabor a maçã...

Momento de reflexão.

Barnabé – Tem razão... Meus irmãos, o ótimo é inimigo do bom. E de boas intenções está o inferno cheio. É melhor abandonarmos estas perigosas veleidades reformistas e mantermos a fórmula tradicional do nosso elixir, revelada a Santa Maria-Joana pela própria Virgem.

Tiago (*mal disfarçando a desilusão*) – Como queira, padre...

Barnabé repara no caixote trazido por Tiago.

Barnabé – E aquilo o que é?

Tiago – Pelo sim, pelo não, tinha preparado umas garrafas. Mas prometo que lhes farei um auto de fé!

Barnabé – Muito bem. Então o assunto está encerrado.

Barnabé prepara-se para sair.

Albano – Mesmo assim, é pena não dar uma oportunidade ao produto...

Barnabé – Como disse, irmão?

Albano – Afinal de contas, estamos a falar de um licor monástico, não da cocaína do cartel de Medellín.

Barnabé – Está a pôr em causa a minha decisão?

Albano – Só digo que... para qualquer instituição, ser incapaz de se reformar é uma fraqueza.

Barnabé – Meu jovem irmão, saiba que é precisamente próprio da Igreja ser incapaz de se reformar...

Tomás – Esta aversão às reformas leva-nos por vezes a cometer alguns excessos, como os autos de fé da Inquisição, mas também nos permitiu conservar as nossas queridas tradições até hoje.

João Bernardo – Tradições que o mundo inteiro nos inveja.

O telefone toca.

Albano – Têm telefone?

Tomás – Ora essa, claro que sim...

Tomás atende.

Tomás – Santa Maria-Joana, estou? Como? Não, digo Santa Maria-Joana porque é o nome do mosteiro para onde está a ligar, mas eu não me chamo Maria-Joana e ainda não fui beatificado... O tesoureiro? Sim, sou eu. Ah, sim...? Não... Que contrariedade. Compreendo. Sim, deve tratar-se de um mal-entendido. Está bem, trato já disso. Muito obrigado pela chamada. Sim, sim, prometo. Que Deus abençoe a Caixa de Crédito Agrícola.

Barnabé – Algum problema?

Tomás – Era o banco... Um dos cheques que emitimos foi devolvido...

Barnabé – Que cheque?

Tomás – O cheque que passámos para pagar os estudos do jovem Zinedine. Para que possa concluir o secundário no colégio católico de Nossa Senhora.

Maria do Carmo – É muito inteligente, mas foi expulso de todas as escolas públicas do distrito.

Albano – Se não acabar o secundário, ainda vai acabar traficante.

João Bernardo – Ou pior: futebolista.

Barnabé – Bem, então... Temos de pôr dinheiro na conta.

Tomás – Mas com que dinheiro, padre Barnabé?

Barnabé – Não podíamos pedir... um pequeno empréstimo?

Tomás – Isso vai completamente contra os princípios da nossa ordem, padre. Além disso, já pedimos dois e receio que a Caixa de Crédito Agrícola não nos conceda um terceiro...

Albano – Está a ver? É urgente sanear as contas da loja.

Tomás – Infelizmente, o nosso querido irmão não deixa de ter razão...

Entram António e Vitorina, muito mais animados do que na véspera.

António – Bom dia!

Vitorina – Como estão todos?

Maria do Carmo – Vocês parecem estar muito bem, pelo que vejo...

António – E estamos! Cheios de energia. Não é verdade, Vitorina?

Vitorina – Há anos que não me sentia tão bem. E sabem uma coisa?

Tomás – O quê?

Vitorina – Cá para mim, o vosso elixir milagroso tem alguma coisa a ver com isso.

António – Também estou absolutamente convencido.

Vitorina – Dormi como uma pedra e já não me dói nada. Bem, quase nada...

António – E também levanta o ânimo! Estamos alegres como passarinhos! Não é, Vitorina?

Vitorina – Resumindo, vamos levar mais umas garrafas.

Maria do Carmo – Muito bem...

Pega em duas garrafas de uma prateleira.

Vitorina – Ah, não! Dessas não. Das novas!

Tomás – Veja lá, é que... (*Num tom publicitário.*) E se lhe oferecesse duas garrafas do licor do costume pelo preço de uma?

Vitorina – Nem pensar! Preferimos a fórmula nova.

Albano – Está a ver, padre... Acho que valia a pena...

Barnabé hesita um momento e acaba por se decidir.

Barnabé – Deem-lhes uma garrafa do vosso novo elixir... Já que destilaram umas quantas... Seria um desperdício deitá-las fora...

Tiago – Sim, padre.

António – Só uma? Não podemos levar duas?

Albano entrega-lhes uma garrafa.

Tiago – Acabámos de começar a produção. Até nova ordem, é uma garrafa por cada duas pessoas.

Vitorina – Faz-me lembrar as senhas de racionamento do tempo da guerra...

António – Ainda se lembra das senhas de racionamento, dona Vitorina?

Vitorina – Claro que não! Sou demasiado nova para isso! Foi a minha mãe que me contou...

Albano – Por enquanto custa o mesmo que a fórmula antiga. Mas aviso-vos já de que o preço provavelmente vai subir um bocadinho.

António – Não importa o preço da garrafa, desde que não falte a bebedeira... Para já levamos esta. E reservem-nos um caixote quando houver mais.

Entrega-lhe uma nota.

Vitorina – Muito obrigada e... Feliz Natal a todos!

Maria do Carmo – Mas bebam com moderação...

António e Vitorina saem a rir como dois adolescentes. Barnabé olha para Tiago e Albano, que sorriem de orelha a orelha.

Barnabé – Mas isto é só uma experiência...

Tiago (*ficando sério*) – Claro, padre...

Barnabé sai.

Tiago – Pelo sim, pelo não, vou preparar mais algumas garrafas, não vá acontecer esgotarmos as existências se a experiência for um sucesso.

Tomás – Não se entusiasme tão depressa. Por enquanto só temos dois clientes.

Tiago e Albano colocam as novas garrafas nas prateleiras.

Maria do Carmo – Frei Tiago?

Tiago – Sim?

Maria do Carmo – Sei que a receita deste novo licor também tem de permanecer secreta, mas ao menos é legal, não é?

Tiago – Legal?

Maria do Carmo – Quero dizer... Não é como o absinto, que antigamente chegou a ser proibido...

Tiago – Preocupa-me mais saber se vou encontrar plantas suficientes para continuar a fabricá-lo.

João Bernardo – Talvez devesse começar a cultivá-las...

Tiago – Sim, porque não...?

Albano – O António e a Vitorina fazem um belo casal. São casados?

João Bernardo – Ainda não. Mas já são ambos viúvos. É um bom começo.

Entram Fred e Sam, dois jovens com aspeto de rappers, que podem ser rapazes ou raparigas. Consoante as necessidades do elenco, também podem ser fundidos numa só personagem, que assumirá todas as suas falas. Os presentes ficam surpreendidos, pouco habituados a este tipo de clientes.

Maria do Carmo – Bem-vindos, meus filhos! (*Ou «Bem-vindo, meu filho!» / «Bem-vinda, minha filha!», se entrar apenas uma pessoa.*) Estão em vossa casa (*ou «Estás em tua casa»*). É a casa de Deus!

Fred – Agradeço...

Fred e Sam percorrem as prateleiras.

Maria do Carmo – Procuram alguma coisa em especial?

João Bernardo – Na vossa idade é natural fazerem perguntas sobre o sentido da vida. O amor. A sexualidade.

Fred e Sam olham para ele incrédulos.

Maria do Carmo – A religião católica, em particular, pode ser uma das respostas a essas inquietações tão naturais.

João Bernardo – Se quiserem, posso recomendar-vos um ou dois livros. Temos uma secção especializada.

Fred – Na verdade, foi a minha avó que me disse que...

Tomás – A sua avó?

Fred – A Vitorina.

Maria do Carmo – Ah, claro!

Sam – Falou-me de um xarope que vendem aqui.

João Bernardo – A sério?

Fred – Bem, é mais uma espécie de poção. Contou-me os efeitos que tinha e...

Albano – Estão a ver? A publicidade de boca em boca já está a funcionar!

Tomás – Mas não compreendo. A sua avó acabou de sair daqui com uma garrafa. Não precisa de lhe comprar outra...

Fred – Na verdade, é para mim. Estou a começar a ficar constipado e...

Maria do Carmo – Constipado? Ora vejam lá!

Sam – Eu também ando com um bocadinho de tosse. Não sei quem ma pegou.

Sam finge tossir.

João Bernardo – Já percebo... Uma doença de transmissão oral, sem dúvida.

Fred – Dizem que esse vosso licor é bom para tudo.

Maria do Carmo – Bem, também não...

Tomás – Mas isso tem álcool!

Frei Tiago tira uma garrafa do caixote.

Tiago – Preparei uma versão sem álcool para os miúdos...

Tomás – Ora essa... Pensa em tudo...

Fred – Agradeço, irmão, salvou-me a vida...

Trocam um olhar ligeiramente perturbado.

Albano – Queres que te embrulhe? Quero dizer... que embrulhe a garrafa?

Fred – Ah... Não, obrigado, não é preciso.

Albano – Toma, aqui tens.

Fred dá uma nota a Albano.

Fred – Agradeço... Tenho a certeza de que me vai fazer bem...

Albano – Aqui serão sempre bem-vindos.

Fred – Já me sinto muito melhor...

Sam – Bem, então... Agradeço e... até breve, talvez...

Maria do Carmo – Pois, pois... Até à próxima...

Fred e Sam saem com a garrafa.

João Bernardo – Mesmo que as suas propriedades terapêuticas não estejam cientificamente demonstradas, se este licor sem álcool conseguir aproximar as novas gerações da fé...

Maria do Carmo – Será mais um milagre de Santa Maria-Joana.

Entram Ramires e Sanches, vestidos à civil, como agentes da polícia. Tal como os jovens que acabaram de sair, podem ser homens ou mulheres e também podem ser fundidos numa só personagem.

Tomás – Pelos vistos, o negócio começa a recuperar.

Ramires e Sanches passeiam-se entre as prateleiras.

Sanches – Que velas tão bonitas! Para oferecer no Natal...

Tomás – São círios com a imagem da fundadora do nosso mosteiro, Santa Maria-Joana.

Ramires – Santa Maria-Joana? Ora vejam lá...

Maria do Carmo – É para oferecer?

Ramires mostra-lhe o distintivo da polícia.

Ramires – Comissário Ramires.

Tomás – Todos são bem-vindos à casa do Senhor. Até os polícias...

Sanches – Bom dia, meus irmãos.

João Bernardo – Imagino que na vossa profissão também precisem muito do consolo da fé. Sobretudo nestes tempos atribulados.

Tomás – Estamos aqui para o ouvir, senhor comissário.

Ramires – Na verdade, vinha antes fazer-vos umas perguntas. Quase diria que venho ouvir-vos de confissão.

Maria do Carmo – Ora essa...!

Sanches – Suspeitamos que existe uma plantação clandestina de marijuana nos montes aqui à volta.

Tomás – De marijuana?

Albano – É uma planta da qual se extrai o haxixe, irmão...

Tomás – Deus do Céu!

Ramires – Isto já parece a Colômbia. Cada um monta a sua plantação biológica. A continuar assim, ainda vamos ter de pulverizar tudo com napalm, como os americanos fazem por lá.

João Bernardo – Primeiro têm de encontrar a plantação. Imagino que esses jardineiros amadores façam o possível por não dar nas vistas.

Sanches – É precisamente por isso que estamos aqui. Como os irmãos conhecem tão bem estes montes, pensámos que talvez nos pudessem ajudar.

Tomás – Ajudar-vos?

Ramires – Talvez tenham visto alguma coisa estranha nas redondezas.

Tomás – Bem, é que... Drogas? Nós nem sequer sabemos que aspeto têm!

Sanches põe uma fotografia à frente de Tomás.

Sanches – Eis uma planta de marijuana. E garanto-lhe que não é uma espécie que cresça espontaneamente nesta região.

Tomás observa a fotografia com ceticismo.

Tomás – Se alguém vos pode ajudar é frei Tiago. Passa muito tempo pelos montes à procura de ervas.

Ramires mostra a fotografia a frei Tiago. Ele olha para a imagem e fica paralisado.

Ramires – Então, meu irmão? Reconhece este retrato-robô? Observe-o com atenção e leve o tempo que precisar. Lembro-lhe que é uma planta procurada pela polícia.

Tiago fica sem fala. Entra Barnabé.

Sanches – Está tudo bem, irmão?

Tomás – Sim, sim, está ótimo... Só que... Esqueci-me completamente... Frei Tiago é mudo...

Sanches – Mudo? Ora essa...

Barnabé – Fez voto de silêncio.

Tomás – Exatamente...

Ramires – Compreendo... Também nós lidamos muitas vezes com pessoas que fizeram voto de silêncio... De qualquer forma, deixo-vos a fotografia, para o caso de ele recuperar milagrosamente a fala...

Barnabé pega na fotografia.

Barnabé – Sou o padre abade deste mosteiro. Pediremos a frei Tiago que responda por escrito à vossa pergunta.

Ramires – Muito bem, padre... E, se tiverem alguma informação interessante, telefonam para a esquadra, não é?

Barnabé – Naturalmente. A Igreja sempre foi amiga da polícia, fosse qual fosse o governo.

Sanches pega numa garrafa do novo licor.

Sanches – De que é feito este licor?

Tomás – De várias plantas medicinais da região. A receita é um segredo guardado há séculos pelos irmãos encarregados de destilar este precioso elixir.

Maria do Carmo – Foi precisamente por isso que frei Tiago fez voto de silêncio. É a única que conhece a fórmula do Elixir de Santa Maria-Joana.

Ramires – Compreendo... Na nossa gíria chamamos a isso «omertà»...

Sanches – Então levo uma garrafa. Mal não me há de fazer.

Barnabé tira-lhe rapidamente a garrafa das mãos.

Barnabé – Desculpe, estas já estão reservadas.

Sanches – Todas?

Albano – O Natal aproxima-se... E os nossos fiéis estão completamente viciados nos nossos produtos...

Maria do Carmo – Leve antes um círio.

Põe-lhe um círio na mão.

Sanches – Está bem, um círio... Quanto é que devo?

Maria do Carmo – É oferta da casa.

Barnabé – Que Deus abençoe a polícia.

Ramires – Obrigado, padre. E perdoe-nos por termos perturbado por momentos a paz deste mosteiro. É um sítio verdadeiramente apaziguador. Confesso que vos invejo.

Barnabé – A sério?

Ramires – Vê-se tanta coisa na nossa profissão... Não me importava de passar os últimos anos da minha vida num mosteiro, longe de tanta violência e de tanto tráfico. Rodeado de rostos amáveis, honestos e tranquilizadores...

Barnabé – Nesse caso, primeiro teria de renunciar a todas as tentações do mundo, senhor comissário.

Ramires – Pois... Provavelmente será isso que me impedirá de abraçar a vida monástica.

Tomás – Feliz Natal, senhor comissário.

Sanches – Até breve, irmão.

Saem Ramires e Sanches. Silêncio embaraçado.

Barnabé – Frei Tiago... Não me diga que pôs marijuana no licor de Santa Maria-Joana.

Tiago – Juro-lhe diante de Deus, padre. Não fazia a mínima ideia de que aquilo era uma droga.

Tomás – É uma abominação. Até tivemos de mentir à polícia!

Albano – Por omissão, irmão. Só por omissão...

Maria do Carmo – Agora compreendo os efeitos estupefacientes daquele elixir... Ontem à noite eu própria estava possuída pelo demónio.

João Bernardo – Possuída pelo demónio? Espero que não esteja a falar de mim...

Albano – E agora, que fazemos?

Barnabé – Como assim, que fazemos? Param-se as vendas, evidentemente!

João Bernardo – Jesus não disse: «Tomai todos e fumai».

Albano – Mas disse: «Tomai todos e bebei»... E estamos a falar de um licor.

Maria do Carmo – Afinal, na missa também se bebe vinho, mas... feito de uvas. Não de resina de cânabis.

Tomás – Sacrilégio! Que acha, padre?

Barnabé – Destruamos no fogo este elixir diabólico.

Tiago – Com certeza...

Tomás – Não vamos transformar este mosteiro sagrado num laboratório clandestino.

Albano – Claro que não... Embora, por outro lado...

Barnabé – O que é agora?

Albano – Também podemos interpretar isto como um sinal que Deus nos envia.

Barnabé – Não me diga que voltou a ver a Virgem. Deixe de beber licor, irmão...

Tiago – Um sinal, diz?

Albano – Santa Maria-Joana, marijuana... Há de reconhecer que a coincidência é perturbadora.

Barnabé – Que quer dizer com isso?

Albano – O mosteiro está à beira da falência...

Barnabé – Mas é droga!

Albano – Uma droga leve, padre. Não foi Marx que disse que a religião era o ópio do povo?

Barnabé – Não me parece que o tenha dito para incentivar as pessoas a ir mais à missa.

Tomás – Além disso, irmão, na casa de Deus costumamos citar mais a Bíblia do que O Capital.

Albano – Acho que Santa Maria-Joana quis dar-nos uma ajuda.

Tomás – Combater o cultivo da papoila-dormideira na Colômbia cultivando marijuana aqui? Seria o cúmulo!

Albano – Podíamos dizer que estamos a trazer a produção de volta a casa.

Tomás – Aguardamos a sua decisão, padre Barnabé.

Barnabé – Confesso que já não sei o que pensar. Desde que me fizeram beber aquela mistela, não tenho as ideias muito claras...

Tiago (*benzendo-se*) – Jesus, Maria e José...

Barnabé – Maria do Carmo, a senhora dá sempre bons conselhos...

Maria do Carmo – A esta altura, penso que não há necessidade de nos precipitarmos... Demos tempo ao tempo... Pelo menos até passarem os efeitos deste licor satânico...

Barnabé – Vou já rezar ao Senhor. Espero que se digne iluminar-me...

Barnabé sai. Regressam António e Vitorina, agora com roupas muito mais descontraídas e primaveris, como se fossem de férias.

António – Tenho uma grande notícia para vos dar.

João Bernardo – Saiu-lhe o Totoloto?

António – Muito melhor. Vamos casar-nos!

Maria do Carmo – Mas que maravilha!

Vitorina – Sim. Não sei o que nos aconteceu. Há algumas horas que sinto estar a começar uma vida nova.

António – Acho que é graças àquele elixir milagroso. A propósito, se tiverem reservas, levo dois ou três caixotes.

Tomás – Dois ou três caixotes?

Vitorina – Demos a provar aos nossos amigos do centro de dia e foi uma loucura.

António – Um verdadeiro delírio. Todos querem uma garrafa para o Natal.

Tiago – É que... Suspendemos a produção.

António – Suspenderam a produção? Mas porquê?

Tiago – Bem... Parece que este licor não oferece todas as garantias sanitárias...

Vitorina – Garantias sanitárias?

António – Mas olhem para nós! Estamos em plena forma!

Tiago – Ainda não temos a certeza, mas...

Maria do Carmo – Temos de ser prudentes. Pode ter efeitos prejudiciais a longo prazo.

António – Olhe, para nós o longo prazo... será sempre prejudicial.

Vitorina – O que sabemos é que neste momento nos faz maravilhas.

António – Lá no centro chamam-lhe o licor do riso!

Tiago – A sério? O licor do riso?

Tiago desata a rir às gargalhadas, mas cala-se ao ver que todos olham para ele.

João Bernardo – Não se preocupem, caiu no caldeirão quando era pequena...

Vitorina – Vão ficar muito desgostosos. Muito mesmo.

António – Todos estávamos desejosos de brindar com um copinho à chegada do Ano Novo.

Vitorina – Porque hão de negar esse pequeno consolo a uns velhinhos que estão no fim da vida?

António – Pobres velhos que, quando festejam a passagem de ano, nunca sabem se vão chegar ao ano seguinte.

Todos olham para Tomás.

Tomás – Deem-lhes uma garrafa para acabarem com este teatro. Mas é a última! E nem uma palavra ao padre abade!

Tiago entrega-lhes uma garrafa. António e Vitorina ficam nas nuvens.

Vitorina – Obrigada, irmão.

António – Deus lhe pague.

Albano – Enquanto Deus não paga, passe pela caixa.

António põe uma nota na mão de Albano.

Albano – Mas isto é muito mais do que custa!

António – O troco é para as vossas boas obras.

Vitorina – Feliz Natal!

Saem António e Vitorina. Silêncio embaraçado.

João Bernardo – Por outro lado, ainda não está provado que este licor seja tóxico.

Maria do Carmo – E se a eles lhes faz bem...

Albano – Além disso, a canábis tem aplicações terapêuticas.

Tiago – Que aplicações?

Albano – Por exemplo, em doentes com cancro em fase terminal.

Tomás – O António e a Vitorina não estão em fase terminal! Vão casar-se!

Maria do Carmo – Talvez seja precisamente por causa da droga. Imagine que, quando passar o efeito, descubrem que cometeram uma loucura!

João Bernardo – Nem todos os que se casam estão sob o efeito de drogas. Embora eu exigisse um teste de alcoolemia antes de qualquer casamento.

Tomás – Bem... Vendamos as existências que frei Tiago já preparou. Se ao menos servirem para tapar o buraco da conta bancária...

Albano – Isso é falar com sensatez, irmão...

Tomás – Não teria tanta certeza... Mas depois voltamos à fórmula tradicional.

Tiago – Prometo.

Maria do Carmo – Seja como for, há uma questão que ainda falta resolver.

João Bernardo – Qual?

Maria do Carmo – Alguém deve ter plantado aquela marijuana.

Tomás – Sim, foi precisamente o que os polícias disseram.

Maria do Carmo – E esses cultivadores clandestinos não devem ficar nada satisfeitos por lhes termos roubado a colheita...

Albano – Mas, por outro lado, continua a ser droga.

João Bernardo – E então?

Albano – Roubar a droga a uns traficantes... Não é uma boa obra?

Maria do Carmo – Não quando a roubamos para a vender por nossa conta.

Albano – Mas nós vendemo-la por conta de Deus.

Tiago – Então seríamos como Robin dos Bosques, que roubava aos pobres para dar aos ricos. *(Todos olham para ele com ceticismo.)* Vou voltar à destilaria. Tenho de vigiar o alambique...

Tiago sai. Entram Ben e Jo, dois pequenos traficantes, que podem ser homens ou mulheres e também podem ser fundidos numa só personagem.

Maria do Carmo – Realmente, hoje não paramos de receber visitas...

Albano – Posso ajudar-vos?

Ben põe-lhe mesmo à frente do nariz um raminho do que parece ser canábis.

Ben – O que é que acha que isto é? Ervas da Provença?

Tomás – Ah, também são da polícia? Os vossos colegas estiveram aqui há pouco.

Jo – Da polícia, nada!

Albano – Então por que anda com essa erva? Não sabe que é proibida?

Ben – Eu cultivo paraísos artificiais e não gosto nada de quem anda a ceifar as colheitas dos outros...

Maria do Carmo – Ah, já percebi...

Ben – Por acaso sabem alguma coisa do assunto?

Tomás – Mas o que vos leva a pensar que...?

Ben torna a pôr-lhe o ramo à frente do nariz.

Jo – Encontrámos este raminho junto ao barracão onde têm o alambique...

Tomás – Mas não têm esse direito! Este mosteiro é um lugar sagrado!

Ben – Sagrado? Destilam marijuana roubada a uns agricultores honestos e ainda me vêm dar lições de moral!

Maria do Carmo – Foi só um pequeno mal-entendido...

Tomás – Frei Tiago confundiu aquela erva daninha com dentes-de-leão.

Jo – Ah, foi? Pois faço-vos comer a marijuana pela raiz, vão ver!

João Bernardo – Acreditem que lamentamos imenso. Mas, entre pessoas razoáveis, com certeza chegamos a um acordo que satisfaça toda a gente, não acham? Afinal, somos pessoas civilizadas...

Albano – Além disso, não sabíamos que aquela plantação tinha dono.

Tomás – De qualquer modo, a polícia está à procura da plantação clandestina e mais cedo ou mais tarde vai encontrá-la.

Jo – Disseram-lhes onde fica?

Tomás – Ainda não...

Ben acalma-se um pouco.

Ben – Se calhar ainda podemos entender-nos. Afinal, dedicamo-nos mais ou menos à mesma atividade...

Tomás – À mesma atividade?

Jo – Nós também tentamos espalhar felicidade por aí...

Maria do Carmo – E o que propõem?

Ben – Uma horta partilhada?

João Bernardo – Suponho que com «horta partilhada» não estejam a falar de plantar tomates, pois não?

Jo – Vocês guardam o segredo, nós tratamos da plantação e damos-vos parte da colheita.

Albano – Quanto?

Ben – Dez por cento.

Albano – Não é descabido, pois não? O dízimo. Dez por cento. O que os camponeses pagavam à Igreja na Idade Média para financiar as suas obras.

Tomás – Mas os camponeses da Idade Média não cultivavam haxixe!

Albano – Ao menos não é transgénico, pois não?

Jo – É libanês. Cem por cento biológico.

Tomás (*benzendo-se*) – Senhor meu Deus!

Ben – Mas era ótimo se nos arranjassem um lugar mais discreto.

Maria do Carmo – Para quê?

Jo – Para cultivarmos o nosso pequeno paraíso artificial! Uma horta de mosteiro... Uma horta de padre, por exemplo.

Albano – O claustro servia-vos?

Ben – Desde que não haja demasiada sombra. Estas plantas precisam de muito sol.

Tomás (*abatido*) – Havemos de estudar o assunto... Compreendem que uma decisão desta envergadura...

Jo – E nem pensem em chamar a polícia.

Albano – Não se preocupem, estamos vinculadas pelo segredo de confissão.

Ben – Mas tenho uma pergunta a fazer-vos.

Tomás – Sim?

Ben – Que raio fazem com toda aquela erva?

Tomás – Já lhe disse que foi um engano...

Albano – Licor. Fazemos licor.

Jo pega numa garrafa e examina-a.

Jo – Elixir de Santa Maria-Joana...

Ben – Olhem... Tiro-vos o chapéu...

Jo – Sabem que isto podia vender-se lindamente no estrangeiro?

Albano – Não é má ideia... Não só podíamos saldar a dívida do mosteiro como ainda ajudaríamos a melhorar a balança comercial de Portugal.

Tomás – Sei que estudou na Nova SBE, frei Albano, mas o nosso mosteiro não é uma empresa em fase de arranque nem um coffee shop.

Maria do Carmo – E lembro-vos que cultivar marijuana para a vender e traficar é proibido por lei.

João Bernardo – Por enquanto, pelo menos...

Regressam António e Vitorina.

Ben – Bem, vamos andando... Vejo que têm clientes... Pensem na nossa proposta.

Saem Ben e Jo.

Tomás – Nem uma palavra ao padre abade, que lhe dava alguma coisa... E à polícia também não, claro. (*Num tom inquietante.*) Vamos resolver isto entre nós, à nossa maneira...

João Bernardo – Está a assustar-me, frei Tomás... Espero que não esteja a pensar em recorrer à violência. Algo como homicídio premeditado e enterro expresso debaixo das lajes do claustro.

Tomás – Não, se pudermos evitá-lo. Descanse. Para já vou ao banco resolver aquele pequeno problema do descoberto...

Albano – Vou consigo, irmão. Na Nova SBE também nos ensinam a sussurrar ao ouvido dos banqueiros.

Saem Tomás e Albano.

António – Maria do Carmo, o vosso licor é verdadeiramente estupefaciente.

Maria do Carmo – Não me digam que já o beberam todo!

António – Não, mas no nosso centro de dia estão mesmo viciados.

Vitorina – É como uma droga, acredite. Vínhamos saber se a produção estava a correr bem.

António – É que já nos fizeram várias encomendas, compreende?

Vitorina – Mas sem lucro, atenção! Nós não somos traficantes...

António – Já não passam sem ele. A maioria até deixou de tomar os calmantes habituais.

João Bernardo – Se continuarmos assim, além de sanearmos as contas do mosteiro, ainda vamos resolver o défice da Segurança Social.

Maria do Carmo – Tomem lá uma última garrafa e vão-se embora de uma vez.

António põe uma nota na mão de Maria do Carmo e leva a garrafa.

António – Obrigado, irmão!

Maria do Carmo – Chamo-me Maria do Carmo.

António – Obrigado, irmão Maria do Carmo!

Saem António e Vitorina.

Maria do Carmo – Acho que também merecemos um copinho para recuperar do susto...

Serve dois cálices.

João Bernardo – Mas sem exageros. Temos de ir devagar para evitar uma overdose.

Maria do Carmo – Não se preocupe, é uma droga leve. Senão não seria vendida livremente num mosteiro.

João Bernardo – Tem razão. Deus não o permitiria.

Bebem os copos de um trago.

Maria do Carmo – Que bem que isto sabe...!

João Bernardo – Pois é.

Maria do Carmo – Isto fica entre nós, claro.

João Bernardo – Claro.

Maria do Carmo – Mais um copinho?

João Bernardo – Vamos a isso! Um pouco de alegria não faz mal a ninguém.

Ela serve mais dois copos, que esvaziam novamente de um trago.

Maria do Carmo – Isto faz-me lembrar a Lei Seca...

João Bernardo – Viveu no tempo da Lei Seca?

Maria do Carmo – Estou a brincar!

João Bernardo – Claro... A Lei Seca foi muito antes das senhas de racionamento. Bem me parecia estranho, sendo a senhora mais nova do que a Vitorina.

Os dois desatam a rir.

João Bernardo – E se nós também nos casássemos?

Maria do Carmo – Está a falar a sério ou é sob o efeito da droga?

João Bernardo – A minha droga é a Maria do Carmo...

Tenta beijá-la. Ela quase não resiste.

Maria do Carmo – Vá lá, João Bernardo... Que maluquinho!

São surpreendidos pelo regresso de Fred e Sam (ou apenas de um deles). Maria do Carmo compõe um pouco a roupa.

Maria do Carmo – Desculpem, estávamos a limpar um bocadinho o pó...

João Bernardo – Bom dia, bom dia... Já se sentem melhor?

Fred – Muito melhor. Parece que a constipação está a passar.

Sam – Um verdadeiro milagre... Graças ao vosso elixir, com certeza...

Fred – Podiam dar-nos mais uma ou duas garrafas?

Sam – Como não tem álcool...

Fred – São para os meus amigos da escola...

Maria do Carmo – Os vossos amigos?

João Bernardo – Também estão doentes?

Sam – Já sabem como são as doenças de transmissão oral. Acho que contagiei a turma inteira.

Tomás regressa.

Tomás – Está tudo bem?

João Bernardo – Sim, sim...

Maria do Carmo põe discretamente uma garrafa nas mãos de Fred.

Maria do Carmo (*aparte, a Fred*) – Toma lá isto e desapareçam! (*Se houver apenas um jovem: «Toma lá isto e desaparece!»*)

Fred – Deus lhe pague, irmão.

Maria do Carmo – Não sou monge e duvido muito que Deus me ponha isto na coluna dos créditos...

João Bernardo – São trinta euros, de qualquer maneira.

Sam – Trinta euros?

Maria do Carmo – Que querem que vos diga? Tudo sobe. É a lei da oferta e da procura.

Fred entrega uma nota a João Bernardo.

João Bernardo – Agora ponham-se a andar, seus drogados.

Saem Fred e Sam. João Bernardo põe a nota na caixa.

Maria do Carmo – Bem, como correu a visita à Caixa de Crédito Agrícola?

Tomás – Albano conseguiu que aumentassem o limite do nosso descoberto depois de lhes explicar o plano de negócios.

Maria do Carmo – O nosso plano de negócios? Nem sabia que tínhamos um...

Tomás – Nem eu, para lhe ser sincera. E nem sequer percebi muito bem em que consiste.

Maria do Carmo – Seja como for, com o que vendemos hoje já conseguimos tapar uma parte do buraco.

Tomás – Graças a Deus.

João Bernardo – E a Santa Maria-Joana...

Regressam Ben e Jo.

Ben – Cruzei-me agora com os nossos distribuidores da escola. Já não querem comprar-nos canábis.

Tomás – Se os jovens estão a abandonar a droga, é motivo de alegria.

Jo – Agora o que querem é xarope.

Tomás – Ah... Já percebo...

Ben – Se perdermos os clientes das escolas, vamos à falência, estão a perceber? Nós também temos despesas.

João Bernardo – Compreendo. Também me dediquei aos negócios há uns anos.

Jo – E nem falemos dos lares de idosos.

Maria do Carmo – Não me digam que também têm clientes nos lares?

Jo – O que é que pensa? Os velhos de hoje não são os de antigamente. São a geração do 25 de Abril...

Maria do Carmo – E nesses lares deixam os idosos drogar-se sem dizer nada?

Ben – A canábis é como a religião. Há muita gente que regressa a ela quando envelhece. Sabemos que não lhes faz propriamente bem, mas se lhes traz algum consolo...

Jo – Pois agora, nem isso!

Ben – E logo agora, que o Natal costuma ser a nossa época alta.

João Bernardo – Uma época tão deprimente...

Jo – Precisamente quando os nossos idosos mais precisam de alguma coisa que lhes levante o ânimo, seja legal ou não... E como os médicos ainda não podem receitar-lhes um charro ao pequeno-almoço, almoço e jantar... Nós não pedimos receita, compreende?

João Bernardo – Há que reconhecer que um charrozinho de vez em quando não é muito pior para eles do que os antidepressivos. E também não causa muito mais dependência.

Ben – Pois... Mas parece que desde esta manhã os nossos reformados deixaram de fumar erva para passar a um certo elixir monástico.

Maria do Carmo – Lamento imenso. Mas fiquem descansados, vamos suspender definitivamente a produção...

Ben – E se nos associássemos?

Tomás – Estão a propor-nos uma associação criminosa?

Jo – Não é preciso reagir assim!

João Bernardo – Que espécie de associação?

Ben – Bem... Não seria só para cultivar, mas também para transformar o produto.

Maria do Carmo – Transformá-lo?

Jo – Tudo o que se fuma tem hoje uma péssima reputação. As campanhas antitabaco, a proibição de fumar em locais públicos... Prejudicaram-nos imenso.

Ben – Hoje, nos lares, os idosos têm de se esconder para fumar, como se fossem crianças.

Jo – E também temos de pensar nos toxicodependentes que não fumam.

Ben – Juntos podíamos desenvolver uma gama completa de novos produtos. Sem riscos para os pulmões e agradáveis ao paladar. A ideia era fazer com a canábis o que os produtores de vinho fazem com a uva.

João Bernardo – Canábis encorpada, com um bom final de boca, por assim dizer. E uma gama de bolinhos especiais para acompanhar ao aperitivo.

Jo – Tudo sob a proteção de Santa Maria-Joana, naturalmente.

Ben – Imaginem que a canábis é legalizada dentro de dois anos. Teríamos uma vantagem enorme para inundar o mercado.

Jo – Aposto o que quiserem em como este mosteirozinho podia gerar mais receitas do que o Vaticano.

Ben – Em cinco anos, a filial compra a empresa-mãe. Em dez, vendem o negócio como o Bill Gates e criam a vossa própria fundação.

Jo – E em seis meses acabam com a fome no mundo. Acreditem, fariam mais do que a Madre Teresa. Ou do que Jesus, a multiplicar os pães.

Ben – Irmãos, acho que me devolveram a fé!

Jo – E, com isto tudo, que me enforcem se o padre não acaba beatificado! Como se chama, irmão?

Tomás – Tomás.

Ben – E que tal chamarmos-lhe São Tomás?

Tomás – Acho que vou desmaiar...

Regressam Ramires e Sanches. Ben e Jo refugiam-se no outro extremo da loja.

Ramires – Minhas senhoras, meus senhores... O padre abade não está?

Maria do Carmo – O que pretende dele?

Sanches – Os cães-polícia levaram-nos finalmente até à plantação de marijuana.

Maria do Carmo – A sério?

Ramires – Já tinham feito a colheita, mas conseguimos identificar as raízes.

Sanches – Agora falta-nos encontrar os jardineiros amadores... e a colheita.

João Bernardo – Não está a acusar uns monges de tráfico de droga, pois não?

Ramires – Não, claro que não. Embora... Vejam isto. São imagens das câmaras de vigilância que tínhamos escondido... Não são inquietantes?

Sanches – Ao que parece, os traficantes disfarçam-se de monges (ou de freiras) para não serem reconhecidos...

Maria do Carmo – Meu Deus!

Sanches – Mesmo assim, conseguimos fazer um retrato-robô.

Põe-lhe o retrato à frente do nariz.

Ramires – Diz-lhe alguma coisa?

Maria do Carmo – Bem, não, sinceramente...

Ramires – Avisem os irmãos de que a nossa paciência tem limites. Também podia levar-vos todos para a esquadra, para interrogatório.

Sanches – Uns monges algemados não dariam boa imagem aos olhos do Altíssimo...

Entra Barnabé.

Barnabé – Não temos medo das vossas leis, senhores. Durante a ditadura, este mosteiro deu abrigo a pessoas perseguidas.

Ramires – Nós estamos à procura de traficantes que cultivavam marijuana na serra. Não estamos a falar de heróis da resistência que arriscavam a vida durante a ditadura, pois não?

Barnabé – Saiam imediatamente daqui. Este mosteiro é um lugar consagrado. É um lugar de asilo.

Ramires – Voltaremos, padre. Só estou à espera de uma ordem judicial de busca, que pode chegar a qualquer momento.

Saem Ramires e Sanches.

Ben – Obrigado por não dizerem nada...

Barnabé – Isso não significa que aproveamos o que fazem.

Jo – Cá entre nós, vocês fazem exatamente a mesma coisa.

Barnabé – Mas nós fazemo-lo por uma boa causa... (*Entrega-lhes um ou dois hábitos de monge ou de freira, consoante o sexo das personagens.*) Por agora, para que a polícia não vos reconheça, vão lá para trás e vistam isto. E, se vos interrogarem, digam que fizeram voto de silêncio.

Segue-se um momento de perplexidade.

Jo – Como assim, dizermos que fizemos voto de silêncio...?

Ben – Se fizemos voto de silêncio, não podemos dizer que fizemos voto de silêncio.

Barnabé fica desconcertado por instantes antes de responder.

Barnabé – Desapareçam daqui!

Saem Ben e Jo.

Maria do Carmo – Este mosteiro deu mesmo abrigo a pessoas durante a ditadura? Não sabia...

Barnabé – Bem, enfeitei um pouco a realidade. Na verdade, foi já depois do 25 de Abril. O padre abade dessa época escondeu algumas pessoas que tinham represálias...

João Bernardo – E umas tantas de fações opostas, para evitar que fossem parar diante de um pelotão de fuzilamento, suponho...

Barnabé – E que importa isso? Este mosteiro continua a ser um lugar de asilo!

Maria do Carmo parece perplexa. Regressam Tiago e Albano.

Barnabé – Ah, aí estão vocês! A polícia acabou de sair. Milagrosamente evitámos o pior.

Tiago – Eu sei. Eu próprio cortei toda a plantação para evitar problemas com a polícia.

Maria do Carmo – E onde está a colheita?

Albano – No barracão, onde frei Tiago prepara o elixir...

João Bernardo – Mas isso é uma loucura! Aqueles polícias podem voltar com um mandado de busca a qualquer momento!

Regressam Ben e Jo, vestidos de monges (ou de freiras, consoante a distribuição).

Tiago – Bom dia, irmãos *(ou irmãs, conforme a distribuição)*. Sejam bem-vindos ao nosso mosteiro.

Ben – Eh! Eu não quero acabar num mosteiro!

Tomás – No vosso lugar, escondia-me durante uns tempos, até a tempestade passar...

João Bernardo – De qualquer modo, o hábito fica-vos lindamente.

Barnabé – E o mosteiro precisa sempre de voluntários.

Maria do Carmo – Cedia-lhes o meu lugar na loja, mas seria pouco discreto...

Barnabé – Podiam tratar da nossa horta de plantas medicinais. Pelos vistos, têm muito jeito para as plantas...

Tomás – E porque não...?

Barnabé – Entretanto, frei Tiago, arranje-lhes uma cela. Não podem ficar aqui.

Jo – Uma cela, disse?

Tiago – Não se preocupe: na cela que lhe der, a chave fica na fechadura.

Ben e Jo saem com frei Tiago.

Tomás – Está mesmo a pensar pô-los a cultivar droga na horta do claustro?

Barnabé *(surprendido)* – Eu disse isso?

Regressam Sanches e Ramires. Ramires põe um documento mesmo à frente do nariz de Barnabé.

Ramires – Cá está. Desta vez temos um mandado judicial.

Barnabé – Estamos inteiramente dispostos a colaborar com a polícia. Mas primeiro, frei Albano, sirva-lhes um copinho de boas-vindas.

Albano – Sim, padre.

Barnabé – Deixo-vos. Rezarei por vós.

Barnabé sai.

Albano – Gostava que provassem a nossa especialidade: o célebre Elixir de Santa Maria-Joana.

Ramires – Muito amável, mas temos trabalho a fazer.

Maria do Carmo – É a nossa tradição de boas-vindas, senhor comissário. Os irmãos ficariam muito ofendidos se recusasse...

Ramires – Bom, está bem, mas depressa...

Frei Albano serve-lhes um copo generoso de licor. Primeiro bebem com alguma desconfiança, depois com evidente prazer.

Sanches – Ah, sim... Isto é da boa.

Ramires – Que curioso... Sabe-me um pouco a...

Albano – E tem...

Tomás – É um elixir milagroso cujo segredo foi revelado à fundadora da nossa ordem pelo próprio Virgem.

João Bernardo – É bom para tudo.

Albano – Vou servir-vos mais um copinho.

Ramires prepara-se para protestar, mas os copos já estão cheios.

Ramires – Bem...

Sanches – Agradeço, irmão.

Voltam a beber.

Ramires – Realmente, isto relaxa muito.

Tomás – É por isso que, como devem ter reparado, reina tanta serenidade neste mosteiro.

Sanches – Ah, sim... Sinto-me muito mais tranquilo.

Ramires – Bem, agora, se me dão licença, tenho de fazer uma busca...

Encaminham-se para a saída com passos vacilantes.

Tomás – Vou acompanhá-los.

Albano – Vou consigo, irmão.

Saem Ramires e Sanches, seguidos por Tomás e Albano.

Maria do Carmo – Estamos perdidos. Receio que acabemos todos na prisão.

João Bernardo – Só nos resta rezar.

Maria do Carmo – Suponho que as prisões não são mistas.

João Bernardo – Tal como os mosteiros, receio bem.

Maria do Carmo – Então não há hipótese nenhuma de acabarmos na mesma cela.

João Bernardo – Nenhuma.

Maria do Carmo – Então beije-me, João Bernardo!

Ele beija-a. E a coisa iria mais longe se não regressassem Ben e Jo, ainda vestidos de monges (ou de freiras, consoante a distribuição).

Ben – Acabámos de nos cruzar com a polícia. Acho que desta vez estamos tramados.

Maria do Carmo – Com um bocadinho de sorte não encontram nada. Frei Albano deixou o comissário completamente pedrado.

Jo – Pois, mas há uma montanha de erva mesmo ao lado do alambique. Mesmo todos pedrados, não podem deixar de a ver.

Maria do Carmo – Então só nos resta rezar. E confiar num milagre...

Maria do Carmo e João Bernardo começam a rezar. Ben e Jo hesitam um momento e acabam por imitá-los. Música sacra e mudança de iluminação a sugerir a passagem do tempo. Regressam Ramires e Sanches.

Ramires (a Ben e Jo) – Bom dia, irmãos (ou irmãs, consoante a distribuição). Desculpem interromper-vos durante as orações.

Ben e Jo escondem os rostos debaixo dos capuzes (ou dos véus, conforme a distribuição) e não respondem.

Maria do Carmo – Também fizeram voto de silêncio...

Ramires – Compreendo... Em todo o caso, peço que aceitem as nossas desculpas. Revistámos o mosteiro de uma ponta à outra e não encontrámos nada.

Sanches – Mas o presépio que têm na capela é lindíssimo.

Ramires – Deixo-vos o retrato-robô dos suspeitos. Se os virem por aqui, avisem-nos.

Sanches – Feliz Natal. E mais uma vez, desculpem.

Saem Ramires e Sanches. Entra Barnabé com Tomás, Tiago e Albano.

Albano – É um milagre!

Tiago – Quando chegámos à destilaria...

Maria do Carmo – O que aconteceu?

Tomás – A marijuana tinha-se transformado em folhas de louro.

Tiago – Demos graças a Santa Maria-Joana!

Albano – É o sinal que esperávamos, a prova de que a santa não se opõe à nossa empresa.

Barnabé – Não se entusiasmem tão depressa. Esse milagre fui eu que o fiz.

João Bernardo – Então é o padre que merece ser beatificado.

Barnabé – O presépio estava enfeitado com ramos de loureiro. E na destilaria havia um monte de erva. Limitei-me a trocar uma coisa pela outra.

Albano – Ah, sim... Isso... Isso também está bem...

Tomás – Um presépio de Natal decorado com marijuana...

Barnabé – É provisório, meu irmão... E agora espero que tudo volte à ordem.

Tiago – Quer dizer que...?

Barnabé – Ouviu perfeitamente, frei Tiago. Nem mais uma pitada de canábis no licor. Voltamos à receita de sempre.

Albano – Mesmo que o mosteiro tenha de declarar insolvência?

Barnabé – Isso não me preocupa muito, meu jovem. A religião católica há de sobreviver. Já passou por coisas piores. Se for preciso, transformamos as nossas celas em quartos para hóspedes e nós vamos dormir para um hotel.

Tiago e Albano parecem desiludidos, mas resignados.

Ben – Desculpe, padre, por lhe ter causado tantos problemas.

Jo – Compreendi muitas coisas desde que vesti este hábito, sabe...?

Barnabé – Perdoo-te, meu filho. E, além disso, tudo isto me fez lembrar a juventude, quando me manifestava contra a polícia política ao lado do padre Felicidade Alves.

Ben – Obrigado por não me entregar à polícia. Sem o padre, a esta hora estava na cadeia. Portanto, se puder ser-vos útil de alguma maneira...

Barnabé – Havemos de pensar nisso, meu filho... Para já, volta para a tua cela.

Escuro.

A calma voltou à loja. Atrás do balcão, Tomás revê as contas. O telefone toca.

Tomás – Mosteiro de Santa Maria-Joana, estou? Da Caixa de Crédito Agrícola? Ah, bom dia, senhor diretor. Não me diga que voltámos a estar a descoberto... Pelo contrário? Que alegria! Não, ainda nem nos tinha ocorrido investir o nosso excedente de tesouraria... Muito bem... Isso mesmo... Perfeito... Vou falar com o padre abade e marcar uma reunião com o vosso consultor financeiro para aproveitar as novas oportunidades de investimento... Muito obrigado pela chamada... Que Deus abençoe a Caixa de Crédito Agrícola. *(Desliga enquanto entram frei Tiago e frei Albano com um caixote de círios.)*

Tomás – É curioso. Voltámos à receita antiga e, mesmo assim, continuamos a vender muito mais elixir do que antes.

Albano – É porque mudámos o rótulo. Os clientes pensam que a garrafa continua a conter a fórmula nova.

Tiago – E parece que isso basta para os deixar felicíssimos.

Albano – Acho que é o chamado efeito placebo.

Tiago – Já se sabe: que importa a bebedeira, desde que se tenha a garrafa.

Albano – Vim despedir-me, frei Tomás...

Tomás – Já nos vai deixar?

Albano – Sim. Decidi desistir da vida monástica...

Tomás – Outra aparição da Virgem?

Albano – Antes pelo contrário. Quando souberam que tinha entrado para o mosteiro, os meus colegas da Nova SBE confessaram-me que me tinham pregado uma grande partida. Mesmo antes daquela famosa aula de gestão da inovação em que a Virgem me apareceu, serviram-me, sem eu saber, uma piza com cogumelos alucinogénios.

Tomás – Cogumelos alucinogénios?

Albano – Daí aquela aparição milagrosa da Virgem, provavelmente...

Tomás – Santo Deus! Em todo o caso, devemos-lhe muitíssimo. Graças a si, as finanças do mosteiro estão agora mais do que prósperas.

Tiago – Vamos ter saudades suas, frei Albano. Embora ache que o seu lugar não era num mosteiro...

Albano – Também vou ter saudades vossas. Mas venho visitar-vos de vez em quando!

Entram Maria do Carmo e João Bernardo, vestidos de maneira muito mais descontraída do que antes.

Tomás – Bom dia, Maria do Carmo. Bom dia, João Bernardo. Então, quando é o casamento?

João Bernardo – Sabe... Por enquanto decidimos desistir. Portanto, vamos continuar a viver em pecado, não é, querida?

Maria do Carmo – O casamento tem os seus riscos, disso não há dúvida.

João Bernardo – Veja a pobre Vitorina. Casou-se há tão pouco tempo e já é viúva. É evidente que o casamento não fez nada bem ao António.

Maria do Carmo – Talvez tenha sido uma overdose de felicidade.

João Bernardo – Seja como for, não tenciono acabar como ele.

Tomás – Mas o senhor é muito mais novo do que o António, João Bernardo...

Risada geral.

Maria do Carmo – Então, frei Tomás? Parece que o negócio voltou a funcionar.

Tomás – É verdade. É absolutamente estupefaciente. Não só dispararam as vendas do elixir como agora os círios também se vendem como pãozinhos quentes!

Tiago – Aqui têm mais para repor as prateleiras. Fiz estes hoje de manhã com frei Albano e os nossos novos voluntários (ou o nosso novo voluntário, se for apenas um)...

Tomás – Esses dois quase nunca aparecem à luz do dia. E não lhes faltam razões para passar despercebidos.

Albano – Seja como for, aqui estão melhor do que na prisão.

Tiago – São eles que fazem estes círios aromáticos com uns cogumelos que cultivam em segredo nas catacumbas do mosteiro.

Albano – Vão ver que são uma verdadeira bomba!

Maria do Carmo – Realmente, deitam um aroma inebriante.

João Bernardo – Vou acender já outro.

João Bernardo acende um círio e todos aspiram o aroma com deleite.

Tomás – Que bem que cheira!

Maria do Carmo – Cheira a santidade.

João Bernardo – Desde que os acendemos durante a missa, a igreja está sempre cheia.

Entra Barnabé e ouve esta última frase.

Barnabé – Mais um milagre de Santa Maria-Joana...

Barnabé benze-se. Todos ficam imóveis, com uma expressão extasiada. Música sacra.

Escuro.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>

<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023

© La Comédiathèque

ISBN 978-2-37705-986-7

Documento para download gratuito